

## MESTRE CAMISA: OS PRIMEIROS 70 ANOS DE UM IMORTAL DA CAPOEIRA<sup>1</sup>

Adriano J. Torres Lopes<sup>2</sup>



Foto: adaptado de terceiro. Divulgação: Raquel Silvia<sup>3</sup>.

*Eu gosto de tudo da Capoeira, [...] mas a coisa  
que mais gosto é ensinar<sup>4</sup>*

(Mestre Camisa)

<sup>1</sup>Homenagem recebida em 13/10/2025. Aprovada pelas editoras em 06/11/2025. Publicado em 10/12/2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.69521>

<sup>2</sup>Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Brasil. Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA - campus III - Bacabal) - Brasil. Na Capoeira: Calango. Graduado (corda verde-roxa) pela Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira (ABADÁ-CAPOEIRA). E-mail: [adriano.lopez@ufma.br](mailto:adriano.lopez@ufma.br).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8161061717953733>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2464-9031>.

<sup>3</sup>Aulão do Mestre Camisa no Centro Educacional Mestre Bimba (CEMB). Helal Filho (2019).

<sup>4</sup>Fala do Mestre Camisa na tarde de sábado, do dia 13/11/21, durante conversa com alunos Graduados, como parte do evento Zumbimba (cordas verde e verde-roxa).

## Elementos iniciais

Na historiografia sobre a Capoeira não há uma datação definitiva para as suas origens ou detalhamentos precisos sobre os primeiros praticantes; poucos nomes, lugares ou formas e conteúdos com exatidão. Sabe-se, porém, que essa prática muito genuína nasceu no Brasil no início da diáspora provocada pelo rapto sistemático de, aproximadamente, 4 milhões<sup>5</sup> de pessoas de diferentes etnias e classes sociais de pretos advindas do continente Africano entre os séculos XVI e XIX. A este contraste lacunar tem-se, por outro lado, uma larga literatura especializada e de apreciável qualidade analítica e documental sobre o uso dessa luta de ancestralidade preta como uma maneira de resistir à violência dos povos brancos e, ainda, colonialistas ao longo do século XIX. Diz-se, que a Capoeira é uma arte-luta na medida que encerra em si a sua essencialidade marcial, além de carregar características típicas da Arte, tais como: acrobacia, música, canto, poesia, dança, teatro, artesanato.

O texto ora exposto é resultado de uma tentativa, ainda que singela e breve, de homenagear um dos maiores relevos da Capoeira nos séculos XX e XXI; Mestre Camisa (1955-), no ano de seu 70º aniversário de nascimento. Para tanto, foi utilizada uma metodologia baseada na pesquisa bibliográfica a partir da análise de livros, artigos acadêmicos, revistas jornalísticas, entrevistas, além de relatos e memórias, organizados em um formato escrito de ensaio filosófico-científico.

Como delimitação temporal foi estabelecido um recorte histórico compreendido entre a segunda metade da década de 1950 até os dias atuais. A redação está dividida em 2 seções principais, intituladas: *alguns saltos e piruetas biográficos* e *a vida capoeiristicamente posta*, além da parte introdutória.

### Alguns saltos e piruetas biográficos

O propósito deste tópico não se assanha em ser uma parte biográfica circunstanciada e exaustiva sobre a vida do Mestre Camisa, mas sim, tão somente, intenta - quase como uma rápida acrobacia ou um floreio oportuno na hora do jogo - trazer à tona aspectos significativos sobre a trajetória desta personagem, já

---

<sup>5</sup> Este assustador número total é sustentado por Reis (2000) em divisões intercaladas por décadas ao longo de séculos.

considerada, lendária da Capoeira; do nascimento às primeiras gingas, rodas e vivências na arte-luta.

Existe uma rotina muito presenciada nos pequenos municípios do Nordeste brasileiro, que é a visita à casa dos amigos para prostrar e colocar o bate-papo em dia. Em uma dessas tardes de confraternização entre vizinhas no distrito de Itapeipu, em Jacobina-BA, um leve desconforto abdominal interrompeu a conversa entre três senhoras; de repente, a bolsa amniótica de D. Edésia se rompe e nasce, ali mesmo, um menino. O parto, tão natural quanto o de qualquer outro ser vivente do sertão da Chapada Diamantina, animou ainda mais aquela tarde do dia 28 de outubro de 1955, que já contava 13h no relógio da cozinha, e fez entrar para a história D. Generosa e D. Epifânia por haverem testemunhado, em uma fazenda atrás da *Fazenda Estiva*, o nascimento de José Tadeu Carneiro Cardoso, que viria a ser reconhecido como um dos mais importantes Mestres de Capoeira: o Mestre Camisa.

Como um dos caçulas, José Tadeu foi o único dos nove irmãos que não nasceu na *Fazenda Estiva*. Em bem da verdade, dez, com o acréscimo de um primo criado como mais um irmão, equilibrando a contagem de cinco meninos e cinco meninas. Aos 14 dias de nascido, do nosso protagonista, um susto! O letal sarampo, da época, quase desfalca a família Carneiro Cardoso. Sete anos mais tarde, por pouco o infante não sucumbe à febre aftosa. Tem-se, então, uma infância típica do campo, marcada pela alegre e tranquila agitação rural em meio aos bichos, banhos de rio, montaria à cavalo e se esquivar da morte.

Dentre os afazeres lúdicos do entorno, o pequeno José Tadeu se deslumbrava com os vaqueiros e as histórias de valentia dos Capoeiras da região. As crianças do lugar brincavam de Capoeira entre si. Não se tratava de uma movimentação própria da arte-luta, mas de uma imitação vista a partir da prática feita pelos mais velhos. E, justamente, o irmão primogênito de José Tadeu, foi quem o ensinou os primeiros passos capoeirísticos. Edvaldo Carneiro e Silva, o Grão-Mestre Camisa Roxa (1944-2013), transmitia ao irmão menor as aulas que assistia na Academia de Mestre Bimba, em Salvador, ministradas diretamente pelo criador da Capoeira Regional<sup>6</sup>.

Nessa época, tomava aulas da sua primeira professora sobre o conteúdo da

---

<sup>6</sup> Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba (1899-1974), é um dos grandes pilares da Capoeira moderna, pós-escravidão. Criador da Capoeira Regional - desenvolvendo essa nova linguagem capoeirista a partir de 1918 - lutou pela legalização de sua prática, conseguida em 1932, sob a presidência do Brasil de Getúlio Vargas (1882-1954).

educação formal, que também era a sua irmã mais velha, Helena, nas dependências da *Fazenda Boa Vista*, na casa da avó. Depois dessa fase de ensinamentos no seio familiar, a escola não lhe surgia como um grande atrativo e os métodos de ensino da época não lhe cativavam. Aos nove anos de idade perde o pai. Mesma fase em que vai estudar em um internato comandado por padres alemães e austríacos, o colégio interno Mosteiro de Jequitibá. Ali, tendo as melhores notas em História e Ginástica, já se configurava uma inclinação para se conectar aos acontecimentos do Brasil e do mundo e à cultura corporal.

Interessante notar como aquele menino ruivo de olhos verdes se encantava e se interessava por uma arte-luta que, historicamente, vincula-se aos povos pretos. O entusiasmo era tamanho que entre 10 e 12 anos de idade já havia decidido que queria ser um Capoeira. Após a morte do pai, Sr. Lindolfo, a família migra para Jacobina, em seguida, Salvador. Na capital baiana frequenta diferentes espaços dedicados à prática da Capoeira; *Rodas de Rua*, convivência com os Mestres da velha-guarda da Bahia, como Mestre Bimba, Waldemar, Traíra, Boa Gente, Canjiquinha, Boca Rica, Caiçara, Paulo dos Anjos, dentre outros.

Aos 14 anos, o jovem José Tadeu perde a mãe. Deste duro golpe desferido pela vida, o acalento foi encontrado na Capoeira. Com essa idade o irmão mais moço do, já grande capoeirista, Camisa Roxa, era chamado Camisinha. Na família, havia uma sequência de apelidos relacionados com esse item muito comum do vestuário: Camisa Roxa, Camisa II, Camiseta e Camisinha. Com o tempo, Camisinha passa a ser conhecido como Camisa, sendo o 4<sup>a</sup> membro da família a treinar (e se formar!) com Mestre Bimba. Por ordem cronológica: Camisa Roxa (formado em 1963), Camisa II (1968), Camiseta (o primeiro a ser apelidado, formado em 1969), Camisinha (posteriormente, Camisa, formado em 1971)<sup>77</sup>. Pode-se mencionar ainda outro Camiseta (o segundo a receber o mesmo apelido, mas que não chegou a conhecer ou mesmo treinar com Mestre Bimba). Camisa foi *batizado* por um capoeirista mais experiente chamado Calango e como parceiros de *formatura* teve: Onça Negra, Macarrão e Torpedo.

---

<sup>7</sup> Essas datas foram revisadas por Trindade; Oliveira (2020).



Foto: arquivo pessoal de Mestre Camisa<sup>8</sup>.



Foto: arquivo pessoal de Mestre Bamba<sup>9</sup>.

Em 1971, o jovem Camisa começa a dar as primeiras aulas no bairro da Lapinha e a participar de vários grupos folclóricos: Viva Bahia, Olodumaré<sup>1010</sup>, Ogum Dilê (do Mestre Lua Rasta) e Oxum (do Mestre Geni). No ano seguinte, com o Olodumaré, tem a oportunidade de excursionar pelo Brasil e, na passagem pelo Rio de Janeiro, na virada do ano para 73, decide ficar na *cidade maravilhosa*. No relato do próprio Mestre Camisa, em entrevista a Mestre Cobra Mansa e Mattias Röhrig Assunção, registra-se:

O Olodumaré, todo ano ele montava um espetáculo, e esse espetáculo era “Furacões da Bahia”. Era um espetáculo de 40 pessoas. O espetáculo tinha samba de roda, puxada de rede, capoeira, maculelê, candomblê, trio elétrico, dança de caboclo, samba de caboclo, samba de roda, samba duro... Tinha maracatu, várias manifestações, tinha caboclinho, navio negreiro, muitas manifestações. Aí nós rodamos o Nordeste todo, depois pro Sul, todo o Sul, depois o Sudeste, temporada em todo o Sudeste, Minas Gerais, São Paulo, enfim, e por último foi o Rio. Chegamos no Rio, fizemos a temporada na maior casa de show da época, que era o Canecão. Fizemos uma temporada, depois o Teatro da Praia, Teatro Opinião, depois rodamos o estado do Rio, as cidades, Friburgo, Niterói, essas cidades todas aí, ficamos no Rio. Daí um empresário alemão gostou do espetáculo, contratou o espetáculo pra ir pra Europa. Ele achava que tinha que mudar algumas coisas pra ser um espetáculo internacional, e mudar o nome, fazer um nome mais comercial, botou o nome “Brasil Tropical”. Então o Oludumaré passou a se chamar, a ser, Brasil Tropical. Ele acrescentou vários números no espetáculo. Eu, como era menor, e meu irmão que

<sup>8</sup> O jovem Camisa, com 16 anos de idade.

<sup>9</sup> Tocando berimbau: Mestre Bimba. Jogando: Durinho e Sisal (filho do Mestre Vermelho 27). Na lateral, sentado no banco, Mestre Camisa, c. 1971 (Mestre Paulinho Velho, 2024).

<sup>10</sup> Após turnê pela Europa, em 1972, passa a se chamar Brasil Tropical.

era o diretor, que era o dono do grupo da companhia, achou que eu tinha que voltar, e aí eu tinha algumas razões pra ficar aqui. Resolvi ficar, porque ia ter um projeto de Mestre Bimba ir embora pra Goiás. A minha mãe também tinha falecido, [eu] já tinha perdido meu pai antes, com nove anos, e achei que ficou um pouco... Meu irmão mais velho também, que era um grande capoeirista, na época ele que cuidava da gente na morte do meu pai. Eu achei que eu ia ficar na Bahia meio perdido, né? Como eu me identifiquei com o Rio de Janeiro, com a cultura, com o povo, com as praias... umas coisas assim, parecido um pouco, já tinha rodado o Brasil inteiro, achei que o Rio de Janeiro era o lugar ideal pra eu ficar. Aí resolvi ficar (Mestre Camisa *apud* Assunção; Peçanha, p. 270, 2021).

Na capital fluminense, a vida profissional encontra a Rua Cardoso Jr., nº 16, no bairro das Laranjeiras. Nesse endereço, a Academia Nissei de Judô, do Sr. Haroldo e do Sr. Maranhão, abre as portas para o Mestre Camisa formar turmas e também morar lá mesmo. Essa situação pitoresca de dormir no próprio lugar de trabalho o conduziu a uma rotina intensa de treinos e, por conseguinte, de desenvolvimento técnico e criativo. Após dois anos ensinando na Nissei, avulso, sem filiação a um grupo, estabelece contato profissional com os seus amigos do, histórico, grupo Senzala e começa a ministrar aulas na Associação dos Servidores. Com essas oportunidades, Mestre Camisa consegue superar o momento de dificuldades financeiras e mantém uma fase economicamente tranquila em sua vida; compra carro, terreno, constrói uma casa.

Por outro lado, e em conjunto à atuação como educador, o ambiente carioca continuou a manter a vivência e aprofundamento de Mestre Camisa na arte-luta no ato de praticá-la com as mais distintas vertentes, frequentando as *rodas* de Mestre Artur Emídio, Mestre Zé Pedro, *roda* da Central, *roda* de Caxias, *roda* da Feira de São Cristóvão, *roda* da Quinta da Boa Vista, além de visitação às academias. Ademais do cenário estritamente capoeirístico, Mestre Camisa mergulha no universo de expressões e fenômenos sociais dos povos pretos, manifestados nas rodas de samba, escolas de samba, pagodes, conhecendo também terreiros de umbanda e candomblé.



Foto: arquivo Vivasenzala<sup>11</sup>.



Foto: arquivo Jornal Abad -Capoeira<sup>12</sup>.

Da Academia Nissei, a primeira turma de formandos de Mestre Camisa, em 1977, contava com Cláudio Moreno, Arara e Mula. No grupo Senzala, a sua filiação durou de 1973 a 1986.

### **A vida capoeiristicamente posta: os *processos* precursores   ABAD **

A primeira metade da década de 1980 foi marcada pela realização de debates e encontros sobre Capoeira promovidos e protagonizados pelos seus atores principais; os próprios capoeiristas. Nesse contexto, Mestre Camisa teve um papel proeminente ao organizar o evento *P  quente, cabeça fria*, na tentativa de reunir capoeiras das mais diversas linhagens e orientações em âmbito nacional, dentre outras, reconhecendo o caráter de Arte dessa luta brasileira. Na prática, foi o Primeiro Encontro Nacional da Arte Capoeira<sup>13</sup>, no Rio de Janeiro, acontecido no Circo Voador, de 27 de novembro a 02 de dezembro de 1984. Dentro do evento aconteceram inúmeras atividades, como oficinas, vivências, depoimentos, aulas, *rodas* e palestras.

<sup>11</sup> O jovem Camisa, recém-chegado no Rio de Janeiro, no final de 1972 (Vivasenzala, 2025).

<sup>12</sup> No Clube Asa em Botafogo, Rio de Janeiro. Da esquerda para a direita: Black, Mestre Ezequiel, Arara, Eco, Macarrão, Cláudio Moreno, Roberto Aquino, Mestre Acordeon e Mestre Camisa (Silva, 2005).

<sup>13</sup> Houve um Simpósio entre 1968-1969 com esse propósito de reunião nacional, com um número representativo, mas sem conseguir congregar tanto a velha guarda quanto o ocorrido em 1984 (Mestre Camisa apud Assunção; Peçanha, 2021).



Uma delas com o título em inglês, o que indica um aceno de diálogo para o público internacional; o *Rio World Samba Capoeira Meet*.



Foto: Damião Ribeiro (1984)<sup>14</sup>.



Foto: Damião Ribeiro (1984)<sup>15</sup>.



Foto: acervo de André Lacé<sup>16</sup>.



Foto: Damião Ribeiro (1984)<sup>17</sup>.

Essas importantes contribuições para a divulgação e massificação da Capoeira contribuíram, consideravelmente, para a sua popularização como Arte e, na década seguinte, para se estabelecer como profissão reconhecida, na prática<sup>18</sup>.

Aqui, em meados da década de 80, as circunstâncias impulsionaram Mestre

<sup>14</sup> Jogando: Mestre Moraes e Mestre Camisa. Agachado: Mestre Cobra Mansa. Em pé: Mestre João Pequeno (camisa azul). Nos berimbaus: Mestre Bom Cabrito, Mestre Gato Preto e Mestre Waldemar. Pandeiro: Mestre Atenilo. Mestre Peixinho (na parte superior da foto, segurando uma câmera) (Mestre Gato Preto, 2016).

<sup>15</sup> Em pé: dentre outros, vê-se Mestre Paulo dos Anjos, Mestre Camisa, Mestre Gato Preto, Mestre Lua Rasta, Mestre Caio, Mestre Monsueto, Contra-Mestre Santo Amaro, Mestre Djop Barbosa. Agachados: dentre outros, Mestre Yuri, Mestre Canjiquinha, Mestre Atenilo (Mestre Gato Preto, 2016).

<sup>16</sup> Pasqua; Daflon (2018).

<sup>17</sup> Mestre Camisa, Mestre Waldemar, Mestre Gato Preto e Mestre Miguel Machado (Mestre Gato Preto, 2016).

<sup>18</sup> Esta observação “na prática”, deve-se ao fato de, oficialmente, a legislatura ainda não ter concluído o processo de reconhecimento formal. Houve uma primeira tentativa através do Projeto de Lei 7150/02 apresentado à Câmara dos Deputados Federais, após longo percurso, desde 2002, e arquivado pelo Senado Federal em 2019. Em 2020, um novo Projeto de Lei, o PL 3640/20 foi aprovado pelos deputados e, atualmente, aguarda apreciação do Senado. Cf. Brasil (2020).



Camisa à necessidade de expansão do seu trabalho, tendo condições concretas para montar o seu próprio coletivo de capoeiristas, fazendo-o, após se desvincular do grupo Senzala, ao criar o grupo Capoeirarte. A esta altura, o ilustre baiano de Jacobina já era referência na Capoeira, reconhecido por sua qualidade técnica, mas também despontava como um pesquisador por excelência, ao desenvolver uma autêntica metodologia de ensino da arte-luta. Com isso, dois anos depois, em 1988, pensou em construir uma organização que tivesse um caráter educacional escolar (tipicamente com a intencionalidade de transmitir de forma direta e sistemática os conhecimentos teórico-práticos da Capoeira), mas que pudesse também abrigar e manter o próprio capoeirista, não o deixando desamparado, tanto em termos alimentares, de domicílio, quanto no apoio para amenizar a distância da família. A unidade entre teoria-prática posta genuinamente em uma experiência concreta; uma concepção de totalidade para um modelo de escola integral que vise: a formação profissional com qualidade técnica, aliada a conhecimentos históricos específicos e por outro lado, a formação do indivíduo crítico para atuar no interior das contradições sociais existentes em determinadas condições objetivas. Ou, em outros termos, um esforço para o direcionamento de uma formação humana omnilateral.

### **A ABADÁ-CAPOEIRA**

Mestre Camisa funda, em 1988, a Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte - Capoeira (ABADÁ), entidade que está, atualmente, presente em todos os Estados brasileiros, Distrito Federal e em, aproximadamente, 80 países, tendo como orientação:

[...] o desenvolvimento do seu trabalho em vários níveis, seja buscando a elevação do nível técnico e teórico do capoeirista, utilizando a Capoeira como valioso recurso pedagógico, artístico e cultural, objetivando, entre outras coisas, a profissionalização do capoeira procurando resgatar o valor do Mestre de Capoeira como produtor e transmissão de cultura e vivência. A Abadá-Capoeira procura contribuir para a formação de valores humanos e étnicos baseados no respeito, na socialização e liberdade, através de trabalhos que valorizam a cultura brasileira, tudo isso buscando fortalecer e engrandecer o capoeirista no seu caráter, dignidade e valorização pessoal (Revista ABADÁ-CAPOEIRA, 2005, p. 4).

As condições objetivas de vida forçaram Mestre Camisa, desde muito jovem, a

ter responsabilidades e posturas que à idade não deveriam ter sido colocadas. Essas posições perante as circunstâncias práticas o levaram a um amadurecimento precoce, de forma que se configurou em sua trajetória uma espécie de adolescência muito tênue, quase apenas um preâmbulo para a fase adulta, ou mesmo, ele se tornando um adolescente-adulto. Por este cenário, entende-se o porquê de a criação de uma organização tão complexa<sup>19</sup> quanto a ABADÁ-CAPOEIRA que, sendo uma escola não-formal, encerra em si, ao mesmo tempo, uma monumental instituição para a educação do corpo e conhecimento histórico-social, bem como uma sólida organização sistemática para a profissionalização e conscientização do indivíduo como pertencente ao gênero humano, em sua coletividade ontologicamente necessária.

Desta forma, o crescente desenvolvimento técnico de Mestre Camisa não pode ser entendido apartado de um acentuado amadurecimento histórico-social sobre a arte-luta<sup>20</sup>, acompanhando uma série de evidências em que se estabelece uma relação dialética entre a realidade concreta e as condições objetivas postas para a Capoeira em determinado momento histórico. A partir desse prisma Mestre Camisa resgata o amálgama originário de a Capoeira ter sua origem oriunda de múltiplas lutas, pondo em evidência o caráter do combate no jogo. Ao longo da década de 1990, o fundador da ABADÁ promoveu excursões a países da África, coletando informações sobre algumas lutas com algum grau de parentesco com a Capoeira, como Baçula (ou Bassula), Kabamgula, N'golo e Umundiu (Mestre Camisa, 2000) o que se tornou uma verdadeira pesquisa de campo *sui generis*. Esse ensaio etnográfico empiricamente realizado serviu de fundamento teórico para a reivindicação da Capoeira como luta, de fato! Contudo, restringi-la a apenas esse aspecto da práxis humana seria simplificá-la demais.

Mestre Camisa, então, espraia sobre o mundo capoeirístico a importância do lastro artístico da Capoeira. Música, canto, poesia, dança, teatro, acrobacia,

---

<sup>19</sup> Um exemplo dessa complexidade pode ser expressada através da sua sistematização para o processo de ensino-aprendizagem, dividindo-se as aulas em: aulas básicas, aulas avançadas, aulas de manutenção, aulas de complementação e aulas de compensação, evidenciando um método consistente de ensino. Cf. o Terceiro Andamento em Carvalho (2023).

<sup>20</sup> Cf. a música Navio Negreiro, composta por Mestre Camisa: Que navio é esse / Que chegou agora / É o navio negreiro / Com os escravos de Angola / Vem gente de Cabinda / Benguela e Luanda / Eles vinham acorrentados / Pra trabalhar nessas bandas / Aqui chegando / Não perderam a sua fé / Criaram o samba / A Capoeira e o candomblé / Que navio é esse / Que chegou agora / É o navio negreiro / Com os escravos de Angola / Acorrentados / No porão do navio / Muitos morreram / De banzo e de frio. Nesta versão, executada pelo próprio autor: <https://www.youtube.com/watch?v=099R6ix5FCE>.

artesanato são ramos artísticos segmentados, com relativa independência entre si, mas que encontram na prática da Capoeira uma unidade ontológica em totalidade histórico-dialética. Ou em outros termos; a Capoeira precisa, em sua materialidade, da articulação de diferentes setores da Arte. Por isso, diz-se que a Capoeira é uma arte-luta, arte de múltiplas artes. Não à toa, Mestre Camisa encontrou a nomenclatura adequada para a sua escola, acolhendo tanto a *arte*, quanto a síntese de várias lutas, que é, essencialmente, a Capoeira.

É oportuno aqui, o diálogo com um momento teórico, dialogando com o importante esteta húngaro György Lukács (1885-1971):

O aspecto peculiar da capoeira de ser síntese de diversas artes a coloca em relevo de complexidade diante de outras artes marciais e esta característica estrutural remete a sua particularidade de arte-luta. Lukács (1969) evidencia a categoria da particularidade em sua monumental *Grande Estética*, não meramente como o termo médio que faz a mediação entre o singular e o universal, mas como o momento plasmado na arte para onde escoam tanto as singularidades do indivíduo quanto as universalidades do gênero humano. Em termos gerais, a singularidade do indivíduo, relaciona-se imediatamente com os fenômenos empíricos do mundo, carregando a limitação de se posicionar cotidianamente com a natureza e a sociedade de forma acrítica, não-reflexiva e espontânea. A atividade de se fazer compras no cotidiano não permite ao indivíduo se deparar empiricamente com as categorias econômicas e filosóficas mais veladas envolvidas no processo. Apenas lhe aparece uma parte da totalidade, em sua expressão fenomênica da compra-e-venda de uma mercadoria, estando ocultas tantas outras partes de sua essência, como *valor* (que é diferente de *preço*), *equivalência* e *metamorfose da mercadoria*, *trabalhos abstrato e concreto* (Torres Lopes, 2020, p. 85).

Esteticamente, a particularidade da obra pode ser capturada na relação dialética entre a subjetividade criadora do indivíduo artista e as inúmeras mediações histórico-sociais da objetividade do mundo na qual a obra de arte foi criada. A Capoeira, como arte-luta, encontra uma resolução dialética na contradição *entrar-saindo* e *sair-entrando*, tal como *descer-subindo* e *subir-descendo*, tão utilizadas nas aulas ministradas por Mestre Camisa ao explicar a tipicidade do *Jogo de Benguela*. Em outra oportunidade, defendeu o seu Mestre das críticas feitas a este sobre o embranquecimento da Capoeira. Mestre Camisa, com pensamento dialético, inverte o ângulo de ataque ao problema e põe de ponta-cabeça a própria crítica, sentenciado que *Mestre Bimba não embranqueceu a Capoeira; ele empreteceu o branco que joga Capoeira*.

Ademais os termos caros para o materialismo histórico-dialético, vale a pena

menção que Mestre Paulinho Velho (1967-), discípulo de Mestre Camisa desde 1985, aproxima-o à categoria do *intelectual orgânico* a partir de Antonio Gramsci (1891-1937) e da práxis socialista de Karl Marx (1818-1883) em dois textos fundamentais para a escola ABADÁ: *Capoeira, arte-luta: uma abordagem de inclusão* (Carvalho, 2010) e *Escola ABADÁ-Capoeira: a expressão do método* (Carvalho, 2023).

Esse quadro teórico encontra base na própria forma e conteúdo de trabalho de Mestre Camisa ao tratar a Capoeira em sua mais profunda essência, constantemente mutável, camaleônica e materialmente articulada às mudanças societárias. Assim, elaborou alterações na *negativa*<sup>21</sup>, na *rasteira em pé* e a criação da *descida básica*, para citar somente algumas das inovações incorporadas não apenas em sua escola, mas assimiladas pela Capoeira em geral<sup>22</sup>. A *negativa* já existia em Mestre Bimba, mas com Mestre Camisa ganha uma qualidade dinâmica mais acentuada ao reconfigurar a biomecânica do movimento, dando maior objetividade no ato da luta e mais agilidade em sua autotransformação em outro movimento (acrobático, por exemplo). Isto é, a própria realidade objetiva em sua materialidade no momento da *roda*, com jogos cada vez mais velozes, impôs uma readaptação ativa frente a esta nova forma de se relacionar capoeiristicamente. A esta pergunta socialmente posta pela Capoeira, Mestre Camisa responde com inovações consistentes ao invés de querer travar a roda da história e continuar dando as mesmas soluções para indagações inteiramente novas, que passaram a ser conjunturalmente diferentes. Como discípulo de Mestre Bimba, seguiu o seu exemplo ao inovar a forma de se jogar Capoeira em seu momento histórico. De forma que Mestre Camisa poderia ser, perfeitamente, referenciado como autêntico discípulo de Mestre Bimba, pois não o cristalizou no passado, mas sim o revitalizou ao modernizar a sua tradição sem descaracterizar as raízes que a sustentam, tornando a Capoeira contemporânea de seu próprio tempo histórico atual.

A ABADÁ-CAPOEIRA, não obstante o seu apanhado genuíno no interior da arte-luta, realça-se no âmbito educacional e na práxis social, tendo Mestre Camisa recebido a outorga de Doutor *Honoris Causa*, em 2010, pela Universidade Federal de

---

<sup>21</sup> Para uma análise detalhada desse movimento, cf. Carvalho (2023, p. 120-121).

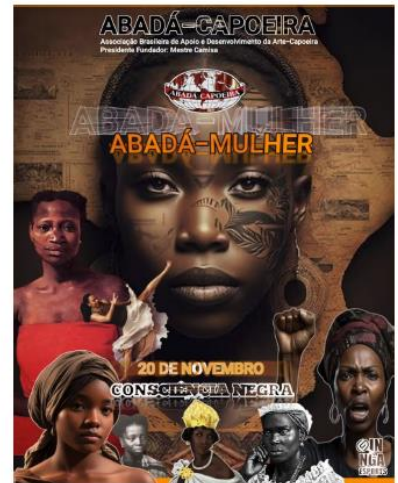
<sup>22</sup> Para se ter dimensão destas inovações e reconfigurações na Capoeira, vale a pena verificar os jogos na fase da vida de Mestre Camisa anterior à ABADÁ e conferir o desenvolvimento gradual das transformações dos movimentos, como, por exemplo em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHge0ttoPoM>.

Uberlândia - UFU<sup>23</sup> e organizado / supervisionado / orientado / realizado incontáveis atividades, dentre as quais: Jogos Brasileiros, Jogos Mundiais, Jogos Euro-brasileiros, Abadá Angola, Abadá Acadêmico, Abadá Mulher, CantÁbadá, Roda de Saberes e Fazeres etc. Campanhas Sociais: *Capoeirista Sangue Bom! Doe Sangue!*, *Paz nunca é demais*, *Preservação das Florestas*, *Saúde mental* etc. Projetos Sociais nas periferias, atuando junto às classes populares<sup>24</sup>. E inovações pedagógicas para o ensino da Capoeira que resultaram no reconhecimento da escola ABADÁ como instituição de referência para a inovação e a criatividade na educação básica do Brasil, por parte do Ministério da Educação - MEC.



<sup>23</sup> Universidade Federal de Uberlândia (2010).

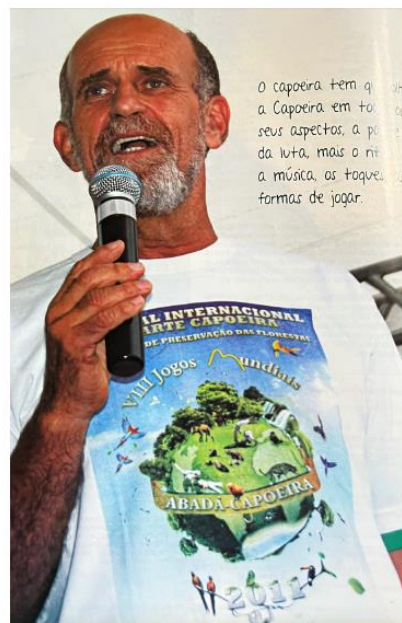
<sup>24</sup> Vale mencionar o compromisso social firmado por Mestre Camisa ao se posicionar, na prática, contra o negacionismo durante a pandemia de COVID 19 e exigir o uso de máscaras e carteira de vacinação atualizada para os presentes em seus eventos. Desta época, Mestre Camisa lançou mão ainda de ferramentas digitais para a prática da Capoeira durante os momentos mais críticos de isolamento social, fazendo-se valer dos dispositivos móveis e aplicativos para ministrar aulas e realizar eventos à distância, no formato on-line.



Fotos: Mestre Cobra<sup>25</sup> e

<sup>25</sup> Rodrigues (2022).





Maíra Gomes (2011)<sup>26</sup>.

## Referências

ASSUNÇÃO, M. R; PEÇANHA, C. F. Entrevista com Mestre Camisa. **Revista Entreiros**. Teresina, vol. 4, n. 2, p. 269-285, 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 3640/2020**. Dispõe sobre o reconhecimento do ofício de Profissional de Capoeira e dá outras providências. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2256738>. Acesso em 25 de setembro de 2025.

CARVALHO, P. C. V. **Escola ABADÁ-Capoeira: a expressão do método**. 1ª ed. Teresina: Ed. do Autor, 2023.

CARVALHO, P. C. V. **Capoeira, arte-luta: uma abordagem pedagógica de inclusão**. Teresina: Gráfica Ipanema, 2010.

CUNHA, P. F. A. da. **Capoeiras e valentões na história de São Paulo (1830-1930)**. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2013.

HELAL FILHO, W. Baiano radicado no Rio, Mestre Camisa levou a capoeira a mais de 60 países: o peregrino capoeirista foi para o campo e fundou "quilombo moderno". **O Globo**, Rio de Janeiro, [atualizado] 11 abr. 2019. Disponível em:

<sup>26</sup> Praticando Capoeira (2011).

<https://oglobo.globo.com/rio/baiano-radicado-no-rio-mestre-camisa-levou-capoeira-mais-de-60-paises-8564893>. Acesso em 12 de novembro de 2025.

MESTRE CAMISA. Mestre Camisa e Abadá Capoeira. Entrevista concedida a Marques Rebelo. **Revista Ginga Capoeira**. São Paulo, ano 1, nº 5, 2000.

MESTRE GATO PRETO. **I Encontro Nacional de Arte Capoeira Pé quente-Cabeça fria**. Abril de 2016. Disponível em: <https://velhosmestres.com/br/gato-1984>. Acesso em 25 de setembro de 2025.

MESTRE PAULINHO VELHO. **Mestre Bimba e Mestre Camisa**. Teresina, 15 de outubro de 2024. Facebook: Paulo Valadares (Mestre Paulinho Velho). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=8519822208114551&set=pb.100002605709017.-2207520000&type=3>. Acesso em 26 de setembro de 2025.

PASQUA, L; DAFLON, R. **Mestre Camisa (1955)**. 2018. Disponível em: <https://capoeirahistory.com/pt-br/mestre/mestre-camisa-1955/>. Acesso em 25 de setembro de 2025.

PRATICANDO CAPOEIRA. **Festival Internacional da arte capoeira e VIII Jogos Mundiais ABADÁ-Capoeira**. São Paulo, ano II, nº 44, 2011.

REIS, J. J. A presença negra: encontros e conflitos. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **BRASIL: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000.

RODRIGUES, A. M. T. **O caminho do Rio: uma história de vida e de superação**. Rio de Janeiro: ABADÁ edições, 2022.

SILVA, G. de O. **Capoeira: do engenho à universidade**. São Paulo: O Autor, 1993.

SILVA, R. Mestre Camisa. **Revista ABADÁ-CAPOEIRA**. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, ago. 2005.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2ª ed. rev. e ampl. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008.

TORRES LOPES, A. J. Aproximações entre a Capoeira e a Estética de Lukács: uma análise a partir das categorias particularidade e reflexo cotidiano. In.: MOREIRA, Sergio; OLIVEIRA, Sérgio; BRITO, Andreyson (orgs.). **V AbadÁcadêmico - Capoeira, tecnologia e tradição: diálogos contemporâneos**. Petrolina-PE: UNIVASF; Fortaleza: IFCE; Curitiba: ABADÁ-Capoeira, 2020.

TRINDADE, F; OLIVEIRA, M. de. Três ciclos da ABADÁ-Capoeira, de Mestre Camisa: memória e identidade de uma escola de Capoeira. In.: MOREIRA, Sergio; OLIVEIRA, Sérgio; BRITO, Andreyson (orgs.). **V AbadÁcadêmico - Capoeira, tecnologia e tradição: diálogos contemporâneos**. Petrolina-PE: UNIVASF; Fortaleza: IFCE; Curitiba: ABADÁ-Capoeira, 2020.

Universidade Federal de Uberlândia. Conselho Universitário. **Resolução 12/2010**.

Outorga do título de *Doutor Honoris Causa* ao Sr. José Tadeu Carneiro Cardoso (Mestre Camisa). 2010. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/ataCONSUN-2010-12.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2025.

VIVASENZALA. **Tarde de dezembro de 1972, chega ao Rio de Janeiro o jovem Camisinha**. 1º de outubro de 2025. Instagram: Vivasenzala. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DPRpvfijzSW/>. Acesso em 12 de outubro de 2025.